



Luva e sapato.
Foto chama atenção pela qualidade da impressão

FOTOS IRVING PENN/DIVULGAÇÃO

CRUEZA E FORMA PRETO NO BRANCO

FOTÓGRAFO Irving Penn, autor de retratos emblemáticos, tem trajetória remontada em mostra idealizada pelo Met, de NY, que chega a São Paulo



Sessões inesperadas. Sua mulher e musa, Lisa Fonssagrives, em 1948. À direita, o estilista Yves Saint Laurent, em 1957



JULIA FLAMINGO
Especial para O GLOBO, de São Paulo
segundocaderno@oglobo.com.br

Quando personalidades como Marcel Duchamp, Salvador Dalí, Pablo Picasso e Alfred Hitchcock, elegantemente vestidos, tocavam a campanha do estúdio de fotografia de Irving Penn (1917-2009), em Nova York, eles não eram recebidos com qualquer pompa. Pelo contrário. Encaravam um espaço cru e nem muito limpo, com fios e lonas jogados no chão e pó acumulado. Penn os encaminhava para duas paredes, que formavam uma quina, e era ali que os fotografados arranjavam uma maneira de posar. Das sessões estimulantes e inesperadas — o fotógrafo chegou a pedir ao arquiteto Le Corbusier que jogasse um tapete sujo em cima de si e ao famoso estilista Charles James que se espalhasse pelo chão feito um tecido recortado de um vestido — resultaram retratos emblemáticos de personalidades do século XX. São eles o ponto alto da exposição “Irving Penn: Centenário”, que abre amanhã no Instituto Moreira Salles, em São Paulo.

— Ele trabalhou dos anos 1930 até pouco tempo antes da sua morte: sua carreira

não é só uma das mais longas da fotografia como, a partir dela, é possível contar a história do suporte ao longo do século XX”, afirma o americano Jeff L. Rosenheim, curador da mostra ao lado de Maria Morris Hamburg, e chefe do departamento de fotografia do Metropolitan Museum of Art. Concebida originalmente para o museu nova-iorquino, onde ficou em cartaz de abril a julho de 2017, a mostra chega ao instituto da avenida Paulista após passar pelo Grand Palais, em Paris, e pelo centro cultural C/O, de Berlim.

CENÁRIOS SEM DISTRAÇÕES

As mais de 230 imagens remontam a trajetória do americano consagrado pelo trabalho na revista “Vogue”, que teve início com retratos de celebridades e naturezas-mortas. Únicas feitas em cor, as fotografias de alimentos e objetos reinterpretavam mestres da pintura, como o francês Henri Matisse, seu artista preferido. Na sua versão, porém, ingredientes de molho para salada ou ensopado de carne eram cuidadosamente dispostos como se pedissem ao espectador para juntá-los e cozinhá-los com seus próprios olhos. No período pós-Segunda Guerra, quando a moda e a publicidade praticamente inexisiam, aquelas imagens serviam como tentativas de reconstrução do pensamento cultural.

Depois de conquistar o to-

do-poderoso diretor de arte da “Vogue”, Alexander Liberman, Penn passou a ser requisitado para fotografar o mundo da moda. Foi em uma experiência em Cuzco, no Peru, porém, onde ele aprendeu sobre o assunto. Em 1948, acompanhou uma modelo em viagem ao país e, depois de clicar suas únicas fotos tiradas na rua, alugou um estúdio e começou a pagar locais para que posassem para ele.

— Com os peruanos, ele passou a pensar nas roupas de seus modelos, estudou poses, como dispor a câmera e de que maneira fotografar mais de uma pessoa —, explica Rosenheim.

Para ter controle total sobre seu trabalho, levava um pano de fundo para onde quer que fosse. De cor cinza, o tecido neutro era erguido do chão com uma leve curva, delimitando o espaço para o clique e o ambiente propício para uma relação mais próxima com o retratado. Numa das maiores salas da exposição, o tecido original é exibido ao lado de fotografias de modelos requisitadas, como sua musa e mulher, Lisa Fonssagrives (1911-1992), cujas roupas são enaltecidas pelo cenário sem distrações.

Entre suas fotografias de moda (além de 165 capas da

“Vogue”, fez trabalhos para grifes como Issey Miyake e L’Oréal, por exemplo), destaque para o clique de um braço vestido de preto e luva branca, que segura um sapato. Simples e precisa, a foto chama atenção por suas formas e gradação de cores, mas principalmente pela qualidade de impressão.

TÉCNICA MANUAL

O americano aperfeiçoou o domínio de técnicas e materiais ao longo de 60 anos, já que encarava o processo de gravura como parte da obra, e não apenas a finalização do processo. Para isso, resgatou técnica comum do século XIX, totalmente manual, a partir do uso de platina e sais de ferro para gravar a imagem no papel fotográfico. Com isso, conseguia dar ênfase a texturas e não se preocupava com a limpeza das imagens, com o pó ou granulado.

— Ele imprimiu todas suas fotografias em preto e branco, e você provavelmente nunca verá resultados tão lindos como esses. E queria, ao mesmo tempo, a perfeição e a imperfeição. Por isso sua obra é tão honesta e emocionante — destaca o curador.

“Irving Penn: Centenário”
Onde: IMS Paulista — Avenida Paulista, 2.424, São Paulo.

Quando: Ter., dom. e feriados: 10h às 20h. Qui.: 10h às 22h. Até 18/11.

Quanto: Grátis. Classificação: Livre.